ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

Entrevista

Caru Schwingel defende incluir programação digital na formação do novo jornalista

Interview

Caru Schwingel advocates include digital programming in forming the new journalist

Entrevista

Caru Schwingel incluyen la programación digital en la formación del nuevo periodista

Thaisa Bueno[1, 2]

Pioneira nas pesquisas de Jornalismo para as plataformas digitais, Carla Andrea Schwingel, Caru Schwingel como assina suas publicações, é uma estudiosa da cibercultura. Doutora em Ciberjornalismo no Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, quando integrou o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJol), e pós-doutora em Fotônica e Novas Mídias no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), e também uma das fundadoras da Casa da Cultura Digital, em São Paulo, local que promove discussão de projetos voltados à inovação e jornalismo na web. Autora dos livros "Mídias Digitais: produção de conteúdos para a web" e

[1] Doutoranda em Comunicação Social pela PUC do Rio Grande do Sul; Mestre em Letras e professora assistente do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: thaisabu@gmail.com.

[2] Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Sociais – CCSo. Coordenação/Departamento de Comunicação Social. Avenida dos Portugueses, s/n. Campus Universitário do Bacanga. São Luís – MA. Brasil CEP: 65.085-580.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

"Ciberjornalismo", Caru Atualmente é pesquisadora do Centro de Altos Estudos da ESPM/SP, onde atua como professora no curso de Jornalismo. Nessa entrevista concedida durante o Simpósio de Ciberjornalismo, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ela defende uma nova formação para o profissional de imprensa tendo em vista a arquitetura da informação e a elaboração de conteúdos para o ciberespaço.

Diante de tantas inovações tecnológicas, é possível pensar em quais seriam as perspectivas para o Jornalismo em 2020?

Pensando na prática profissional de hoje, o que estamos fazendo em termos de jornalismo digital, parece-me que finalmente os jornalistas e as empresas de comunicação se deram conta de que a base tecnológica da internet é o banco de dados. Então, o futuro que eu vejo em médio prazo é a sua utilização, com propriedade, nas estruturas narrativas, ou seja, na composição dos conteúdos multimidiáticos, hipertextuais e interativos. Além disso, a questão dos dados abertos e como utilizá-los para gerar conhecimento e para ter significado. A grande questão, nesses próximos anos, é a utilização com propriedade do jornalismo em base de dados ou, mais propriamente chamado, *Data Drive Journalism,* o jornalismo guiado por dados.

E a longo prazo?

Claro, mais adiante, uma maior velocidade de conexão vai possibilitar a questão de tecnologias que visam a imersão nessas narrativas. Nesse sentido, os *newsgames* já apontam um pouco disso. Pesquisas já mostram que cognitivamente ao interagir com os *newsgames* a apreensão daquela informação fica muito maior.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

Significativamente maior do que simplesmente a leitura. É uma experiência de construção de significação. Então, a pessoa vai tentando compreender, fazendo de uma forma lúdica um percurso para chegar àquela informação. Acredito que com taxas acima de 10 Gb de transmissão nós podemos pensar, efetivamente, em imagens, vídeos, fotos, imagens em alta resolução e na própria interação com essas imagens em processos de edição. Por fim, os novos *displays*, com a substituição da indústria do silício pela indústria do grafeno, que vai acontecer em alguns anos. Temos essa perspectiva de novos *displays*, muitos mais finos, que vai fazer com que questão do *touch* fique muito mais presente. Acredito que aí nós vamos ver como andaremos com o Jornalismo em função dessas alterações tecnológicas.

Como o futuro jornalista deve se preparar para lidar com isso?

Precisa ter noções, claro, das tecnologias da internet. Tem que ter noções de programação, noções de *design* de interfaces, tem, sim, que ter noções de toda tecnologia de programação, de base dados, da linguagem de programação, do *www* e dos aplicativos, das APIs, das interfaces e de como fazer isso. Idealmente, sim, saber o mínimo de programação, principalmente, nessa questão da programação voltada a banco de dados. Não necessariamente o jornalista precisa fazer esse programa, provavelmente ter um técnico, programador do seu lado, um especialista como parte de sua equipe, mas precisa ter noção. Por exemplo, o que o Estadão Dados está fazendo? É uma equipe pequena coordenada pelo jornalista José Roberto de Toledo que tem o Diego Rabatoni, que é um técnico excelente que faz todos os algoritmos, os sistemas, toda a parte técnica das questões que são dadas como pautas jornalísticas. O Estadão tem feito isso e essa é uma boa solução, trabalhar com técnicos especializados, mas para dialogar com esses técnicos é preciso ter noções mínimas, não tão mínimas assim.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

Além do Estadão Dados há outro exemplo aqui no Brasil?

Certamente tem. A gente montou em São Paulo, há uns cinco anos, a Casa da Cultura Digital, que já está na terceira geração de pessoas; eu sou da geração zero, da primeira geração. A gente montou a Casa pensando justamente em ser um polo de produção de conteúdo, de intersecção de pessoas. Um ponto criativo e de replicação e que pudesse sistematizar coisas que pudessem ser replicadas na *web* de cultura digital e de jornalismo digital. Dentro da casa tem vários coletivos que passaram como o Garoa Hacker Club, que é um pessoal que desenvolve aplicativos; o Transparência Hacker nasceu lá também, e agora está lá o grupo do Hacks Hackers, que é o capítulo brasileiro do Hacks Hackers. O Gustavo Falheiros, que era da Folha (Folha de S.Paulo) e esteve com uma bolsa do Centro Internacional de Jornalistas, está com um grupo de pessoas lá na Casa fazendo alguns aplicativos. Ele já fez alguma coisa sobre a Amazônia e tem um trabalho bem legal sobre jornalismo e ecologia. Recentemente, também tivemos um encontro em que aprendemos a usa o *Open Street Maps*. Aprendemos a como utilizar com propriedade essas ferramentas que estão aí disponíveis. Entender que você pode usar esses recurso não apenas como um usuário consumidor, mas como um autor, um produtor de conteúdos e usar criativamente a internet.

Nessa lógica dos dados abertos, como a senhora vê a utilização e a busca por esses dados hoje no Brasil? Acredita que o jornalista está utilizando isso de forma inteligente?

Eu acho que estamos num processo de construção, tanto temos algumas dificuldades em compreender, como em gerar. Dificuldades de como extrair informações, de

como extrair significados dessas informações. Jornalisticamente, acho que temos ainda uma dificuldade de como lidar com esses dados disponíveis. Acredito que há jornalistas muito preparados, o pessoal que estava na linha de frente discutindo a Lei de Acesso à Informação, o pessoal que teve o trabalho de ativista mesmo para aprovação, para liberação desses dados. Essas pessoas têm condições e estão trabalhando com esses dados, mas é um processo. Então, por exemplo, para pensar a questão da mobilidade urbana em São Paulo, a questão do transporte, você tem a lei de informação, os dados em abertos, mas em que formato? Que formato está isso? Não adianta você dizer que está aberto e deixar os pdfs ali. Você tem que colocar em formatos que possam ser utilizado por linguagem de programação de forma facilitada.

Agora falando especificamente do seu trabalho, em "Mídia Digitais" a senhor propõe uma espécie de manual de como produzir conteúdo para a internet. Para quem pensou esse livro?

É um manual mesmo, composto didaticamente para qualquer professor que possa e queira utilizá-lo como base de um passo a passo para alunos de graduação e qualquer pessoa que tenha interesse em publicar conteúdos. Ele não tem uma preocupação, apesar de estar fundamentado na linguagem informativa jornalística para *web*, de ser um livro para especialistas. Apesar de estar estruturado com a ideia de apuração, como o processo de produção mesmo, o público alvo dele é qualquer pessoa que tenha interesse de publicar conteúdos, não necessariamente conteúdos jornalísticos. A ideia era ser mesmo um passo a passo para ajudar as pessoas que tenham interesse em publicar conteúdos a publicarem com propriedade, com qualidade.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

O "Mídias Digitais", mesmo ele sendo um manual, mesmo não, ele é um manual, deixou-me muito feliz porque veio responder uma questão que nós vinha falando lá em 2000 no Fórum de Professores de Jornalismo. A gente vinha falando da necessidade de materiais didáticos para a produção, para o ensino mesmo, materiais didáticos de apoio ao ensino do Jornalismo Digital. Levou tempo nesse processo, mas eu fiquei muito feliz quando eu recebi o convite para fazer o manual, que veio a responder essa necessidade que eu tinha mesmo de sistematizar esse percurso.

Já seu segundo livro "Ciberjornalismo" não é um manual, mas também vem com essa proposta didática de conceiturar, de organizar as discussões sobre o tema. Ele segue a mesma lógica do primeiro?

O "Ciberjornalismo" é o segundo, mas ele é o da minha tese, então ele vem responder uma necessidade que eu tinha, porque acreditava que nós tínhamos muitos artigos, espaços falando sobre uma série de coisas, mas nós tínhamos livros mais didáticos, um caminho mais facilitado. A ideia do "Ciberjornalismo" foi conceituar efetivamente o que é ciberjornalismo. Ele vem com a ideia das terminologias: jornalismo digital, jornalismo na internet, webjornalismo, jornalismo eletrônico e ciberjornalismo. O que significa essa prática? Essa prática significa, basicamente, a questão de sistemas automatizados na composição de conteúdos. Eu achei importante fazer isso de forma simplificada e didática, espero que esteja a contento.

Professora, para finalizar, qual é o mínimo de conhecimento que um acadêmico tem que ter ao passar pela disciplina de jornalismo digital, de ciberjornalismo, hoje?

O ciberjornalismo é um nível a mais de complexidade. Então o aluno ao chegar numa disciplina de ciberjornalismo, a princípio, estaria apto já na modalidade do jornalismo

ISSN nº 2447-4266 Vol. 1, nº 2, Setembro-dezembro. 2015

impresso, do radiojornalismo, do telejornalismo. Ele vai trabalhar com linguagens multimidiáticas e precisa ter o mínimo de noção de como compor conteúdos, ou já dominar, preferencialmente, a composição de conteúdos, a estruturação de uma matéria nas outras modalidades. Com isso, na modalidade do ciberjornalismo poderá trabalhar com a composição narrativa integrada. Ao chegar idealmente nessa situação, a disciplina que venha a trabalhar o jornalismo digital, o ciberjornalismo, necessita mostrar os sistemas, quais são os sistemas que nós temos disponíveis para a produção desses conteúdos. Nós temos os sistemas blogs, os sistemas wikis, e tem os sistemas de gestão de conteúdos. Conhecer como se pode trabalhar com esses sistemas para publicação de conteúdos, isso é básico. Obviamente se tiver condições, trabalhar com os newsgames, se tiver condições trabalhar com o desenvolvimento de aplicativos (APIs), etc. E, sim, trabalhar com banco de dados.

O ideal é que você tenha não uma disciplina que vai trabalhar o ciberjornalismo, jornalismo digital, mas que você tenha várias disciplinas que venha dialogando sobre. Uma que trabalhe o processo de apuração, outra que trabalhe a composição, edição e disponibilização e publicação desses conteúdos, outra que trabalhe a circulação, e, além disso, antes o aluno necessita ter as noções básicas de ciberespaço, da cibercultura, das tecnologias de internet.

Acesse esse e outros artigos da **Revista Observatório** em: